

An abstract painting by Siron Franco. The background is a vibrant orange. On the left, there is a vertical purple band with several blue rectangular shapes. In the center, there are faint, overlapping human figures in shades of orange and yellow. On the right, a tall, thin, blue vertical shape contains a dark, textured human figure. The overall style is expressive and gestural.

A vida como ela é

Siron Franco

Abertura

14 de maio de 2026
quinta-feira, 19h



Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador, Bahia





Enchente • 2023/2025 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm

A vida como ela é • Paulo Darzé Galeria

Desde a fundação da galeria, em 1983, nossa atuação tem o compromisso contínuo com a arte contemporânea em suas múltiplas expressões. Mais do que acompanhar o tempo presente, buscamos ativá-lo, criando um espaço de encontro, circulação e pensamento em torno da arte baiana e brasileira. Um lugar onde diferentes práticas se cruzam e onde o público é convidado a experimentar a arte de forma ampla, viva e em constante transformação.

Desde o início, esse direcionamento, através de uma pauta anual consistente, materializa nosso propósito e sustenta uma atuação contínua e comprometida. Em 2026, ao apresentarmos uma nova exposição com trabalhos inéditos de Siron Franco, celebramos também um marco significativo: os quarenta anos de sua primeira mostra conosco.

A relação de Siron com a Bahia atravessa décadas e momentos decisivos. Ainda jovem, em 1968, participa da II Bienal Nacional da Bahia, na qual recebe o Prêmio Aquisição – tendo suas obras sido posteriormente confiscadas pela ditadura militar. Em 1980, realiza uma individual no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA). Ao longo dessa década, vive e mantém um ateliê em Salvador, aprofundando o vínculo com a cidade. Em 1985, realiza sua primeira exposição na galeria – então Escritório de Arte da Bahia –, *Pinturas Recentes*. Expõe novamente em 1991 e 1996. Em 2001, apresenta a mostra *Casulos* no MAM-BA e, no ano seguinte, novamente na Paulo Darzé Galeria, apresenta *Siron Franco: Desenhos*. Sua última exposição conosco foi *Miragens*, em 2019. Agora, em 2026, damos continuidade a essa trajetória com uma nova mostra, *A Vida Como Ela É*.

Para Siron, a pintura nasce de um impulso essencial: é preciso ser atraído por aquilo que ainda não se conhece. Como ele próprio afirma, “quando eu faço, não quero dizer que estou falando sobre aquilo. O que eu busco é algo que você ainda não viu. Eu quero fazer algo que eu não vi ainda”. Essa postura atravessa toda a sua produção e sustenta uma obra profundamente implicada com o mundo – um mundo que ele observa, tensiona e reelabora.

Ao longo de sua trajetória, Siron Franco abordou temas políticos, sociais e ambientais com rara intensidade: da repressão da ditadura à corrupção, dos desastres ambientais à infância abandonada, da epidemia de HIV/aids ao

acidente com o céσιο-137 em Goiás, passando pelo extermínio dos povos indígenas. Essa amplitude temática, aliada a uma linguagem em constante reinvenção, o consolida como um dos artistas mais relevantes de sua geração e da história da arte brasileira.

Nesta exposição, Siron e a Paulo Darzé Galeria reafirmam uma relação construída ao longo de quatro décadas, uma parceria que se sustenta no tempo e também se renova continuamente. Trata-se de um percurso compartilhado que amplia o acesso à arte e reforça um compromisso comum com sua potência transformadora.

Sua obra se constitui a partir de uma relação direta com a vida – não apenas como tema, mas como experiência. Entre o vivido, o imaginado e o inventado, sua pintura constrói um campo de tensão em que o olhar nunca se esgota. A cor e a luz operam como forças geradoras, revelando uma investigação pictórica que transita entre o figurativo e a não figura, a imagem reconhecível e a matéria em estado de gesto. Em muitos momentos, a pintura se afirma como presença física, espessa, intensa, em que a representação se desloca para o próprio ato de fazer.

E, ainda assim, há uma evidência incontornável: independentemente das transformações ao longo de sua trajetória, há algo em sua obra que a torna imediatamente reconhecível. Sua assinatura não se reduz à forma – emerge de uma visão de mundo, uma capacidade de reinventar a realidade a partir de sua própria experiência. Em seus temas (natureza, bichos, homens) e em sua prática múltipla, que abarca pintura, desenho, ilustração, instalação e obras públicas, Siron Franco constrói uma obra vigorosa, inquieta e profundamente singular, que nos desafia, nos provoca e, sobretudo, nos convoca a olhar e a viver de maneira mais atenta e implicada.

“Nesta exposição, Siron e a Paulo Darzé Galeria reafirmam uma relação construída ao longo de quatro décadas, uma parceria que se sustenta no tempo e também se renova continuamente.”



Paisagem urbana • 1997/2007 • Técnica mista e ouro sobre tela • 135 x 155 cm



O quarto do mágico • 2024/2025 • Óleo sobre tela • 190 x 220 cm





Retrato de costas • 2005/2025 • Óleo sobre tela • 200 x 150 cm



Diálogos • 2024/2025 • Óleo sobre tela • 155 x 270 cm



Território ocupado

1997

Óleo sobre tela

135 x 155 cm



A visita

2021/2024

Óleo sobre tela

150 x 250 cm

Siron Franco: A vida como ela é • **Gabriel Pérez-Barreiro**

O termo “mestre” é usado excessivamente no mundo das artes, mas no caso de Siron Franco talvez seja plenamente justificado. Com quase oitenta anos, mais de sessenta dos quais dedicados à atividade artística, Siron construiu uma carreira absolutamente única, com períodos de maior e menor reconhecimento, mas jamais vagando em seu compromisso com a feitura artística, as exigências da pintura e, para citar Nelson Rodrigues, “a vida como ela é”.

Nesta exposição, Siron produziu um corpo de trabalho notável, evidência de um artista no auge de seu poder criativo. Cada pintura é completamente diferente uma da outra, mas todas representam, de maneiras diversas, a vitalidade e a potência de um artista que vê a cada nova pintura uma oportunidade de experimentar algo totalmente novo, com plena segurança e domínio.

***“Siron produziu um corpo de trabalho notável,
evidência de um artista no auge de seu poder criativo”***

Como não há um tema ou assunto predominante nesta exposição, propus cinco perguntas ou provocações que podem ser úteis para a aproximação de sua obra:

Contra a interpretação

No ensaio “Contra a interpretação”, de 1966, a ensaísta estadunidense Susan Sontag afirma que “a verdadeira arte tem a capacidade de nos deixar nervosos. Nossa tarefa não é encontrar a maior quantidade de conteúdo em uma obra de arte, muito menos espremer mais conteúdo do que ela tem. Nossa tarefa é reduzir o conteúdo para que possamos ver a coisa em si”. Segundo Sontag, nossa compulsão para encontrar explicações e interpretações em todas as obras de arte acaba por empobrecê-las, tirando justamente aquilo que as faz maravilhosas: a capacidade de criar emoções e sensações sem precisar explicá-las por meio da linguagem.

Os quadros de Siron pertencem claramente a um mundo além da interpretação e das palavras. Isso não significa que não possamos atribuir significados ao que vemos, mas sim que devemos estar cientes de que esses significados não são fixos e mutam ao longo do tempo e de acordo com cada

espectador. Dada a forma como o mundo cultural funciona em geral, essa é uma posição difícil e arriscada e requer a coragem que Siron demonstra desde o início de sua longa trajetória. Curadores, críticos, jornalistas, todos querem saber o que a obra “significa”, para que possa ser útil em uma exposição temática, numa manchete de jornal ou num artigo acadêmico. O próprio artista frequentemente traz relatos interessantes sobre o que o inspirou a criar uma determinada obra, mas essas histórias estão mais no campo da inspiração do que da explicação – e, além disso, costumam variar com o tempo. As pinturas falam por si mesmas, mas falam com tinta, não com palavras.

*“Os quadros de Siron
pertencem claramente a um
mundo além da interpretação
e das palavras”*



Insônia • 2020/2025 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm

Sedução

Sedução é um superpoder humano; quando nós a encontramos, pode mudar radicalmente o modo como pensamos e sentimos. É difícil descrever a sedução, mas a reconhecemos quando ela acontece e constantemente a buscamos. As pinturas de Siron podem ser entendidas como máquinas de sedução ou até “armadilhas” (para usar um termo recorrente em alguns de seus títulos). Nos primeiros anos de sua carreira, Siron seduziu através de um domínio notável da pintura figurativa, o que lhe trouxe considerável sucesso crítico e financeiro. Sempre muito atento aos riscos da fama e ao perigo de se tornar escravo de um estilo bem-sucedido, Siron abandonou esse realismo expressivo e partiu para composições mais abstratas, que pareciam afrontar as expectativas de seus apoiadores. Mas o aspecto sedutor permaneceu, não como beleza superficial,

mas na sua capacidade de criar obras que atraem o olhar do espectador, mesmo sem que se saiba exatamente o porquê.

Diante de uma obra recente de Siron, como as apresentadas nesta exposição, a primeira impressão costuma ser de profundidade e complexidade. Há muitas coisas acontecendo, padrões contrastantes e pinceladas vivas. Mas também há um senso intrigante de sedução: o que está acontecendo aqui? Talvez eu não compreenda, mas quero saber mais. Quero continuar olhando. Parece haver algo por baixo dos véus da superfície, e só há uma maneira de descobrir: continuar olhando, depelando as camadas de tinta e de imagem, mas também se deixando levar pelo prazer da sedução bem-sucedida e estando disposto a sucumbir nela.

*“É difícil descrever a sedução,
mas a reconhecemos quando ela acontece
e constantemente a buscamos”*

Cor emocional

Siron é um dos grandes coloristas da arte contemporânea, embora sua obra raramente seja comentada nesses termos. Na história da arte brasileira, cor geralmente é discutida em relação à abstração, por meio de artistas como Hélio Oiticica, Alfredo Volpi e outros. Na obra de Siron, a cor funciona principalmente por meio de um contraste audacioso. Uma pintura pode unir combinações que seriam rejeitadas pela teoria da cor ou até mesmo pelo bom senso. Às vezes, ele trabalha simultaneamente em uma pintura totalmente preta, outra dourada e outra que alterna entre roxo e amarelo, com detalhes em rosa. A extraordinária variedade de suas cores é impossível de prever ou explicar senão em termos de temperatura emocional. É quase como se o artista

conseguisse traduzir diretamente uma emoção em uma cor ou combinação de cores, de forma direta e surpreendente. Na obra de Siron, a cor é uma função do ambiente expressivo total do trabalho. Em sua série *Rua 57*, produzida em protesto ao acidente radioativo de césio em Goiânia (1987), limitou sua paleta ao vermelho terroso (às vezes feito literalmente de terra) e ao prateado, para representar os elementos químicos. Em outros casos, como nas “peles”, a superfície vibra de sensualidade e contrastes densos de cor. Na presente exposição, cada pintura gera uma vibração cromática única, e nenhuma se repete nesse aspecto. Se existe uma característica central na produção mais recente de Siron, talvez seja a sua total liberdade no uso da cor.

“Na obra de Siron, a cor funciona principalmente por meio de um contraste audacioso. Uma pintura pode unir combinações que seriam rejeitadas pela teoria da cor ou até mesmo pelo bom senso.”



Noite carioca • 2022 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm

“Não deixe a realidade atrapalhar uma boa história”

Às vezes atribuída a Mark Twain (assim como muitas outras frases, o que já é um indício da sua validade), essa expressão costuma servir para mostrar como a invenção e a criatividade são muito mais envolventes do que os fatos crus. Siron frequentemente usa essa frase em conversas, para chamar a atenção de como o mundo é mais rico quando suas bordas estão um pouco borradas. Sempre fascinado pelos aspectos mais obscuros e absurdos da vida, sua obra frequentemente dialoga com uma noção porosa de fato e de ficção. Em alguns casos, como na série *Césio*, anteriormente citada, seu trabalho esquemático e diagramático permitiu que as pessoas visualizassem o perigo invisível da radioatividade.

Em outras ocasiões, como na série *O que vi pela TV*, Siron expressa seu assombro diante dos absurdos políticos, sociais e midiáticos. Em todos os casos, uma das forças centrais de sua obra é a capacidade de criar ficções evidentes que transmitem um forte senso de realidade.

Embora Siron goste de contar histórias sobre suas pinturas, o tipo de ficção que elas evocam não é narrativo nem ilustrativo. São mais como sugestões de histórias possíveis, memórias vagas de situações ambíguas. Evocações oníricas, de bordas imprecisas. Há muitas histórias aqui e muita realidade também, mas seu relacionamento não é simples ou direto.

“Sempre fascinado pelos aspectos mais obscuros e absurdos da vida, sua obra frequentemente dialoga com uma noção porosa de fato e de ficção”

Um novo humanismo

Nesta exposição, obras que à primeira vista parecem ser abstratas trazem em si uma surpresa. Em quase todas elas, existe uma figura humana escondida nos densos arranjos. Às vezes uma, às vezes duas, às vezes olhando para frente, às vezes para o lado. Ao longo das décadas, a obra de Siron oscilou entre a figuração e a abstração, mas ambas as linguagens parecem coexistir aqui. É como se o traço da figura humana precisasse afirmar a sua presença e importância, mesmo quando não é o elemento central da composição. As figuras são, em geral, esquemáticas, quase sem feições, mas sua presença é sentida pelo contorno do corpo humano, uma das formas mais básicas e antigas de representação. Em algum momento da pré-história, alguém percebeu que a forma humana podia ser desenhada e compreendida como tal por outros. Esse é um momento fundamental da história: é quando o ser humano não apenas vê, mas é visto e registrado para outros verem.

Nesta exposição, vê-se um compromisso constante, ainda que silencioso, com a figura humana. É quase como se ele nos lembrasse do impulso mais fundamental de nos enxergarmos uns aos outros por meio da arte. Um tipo de humanismo em que a arte permanece ligada a profundas noções de empatia e autoconsciência. Um convite para navegar entre ficções, texturas, sonhos e abstrações, apenas para nos reencontrarmos ao fim dessa viagem.

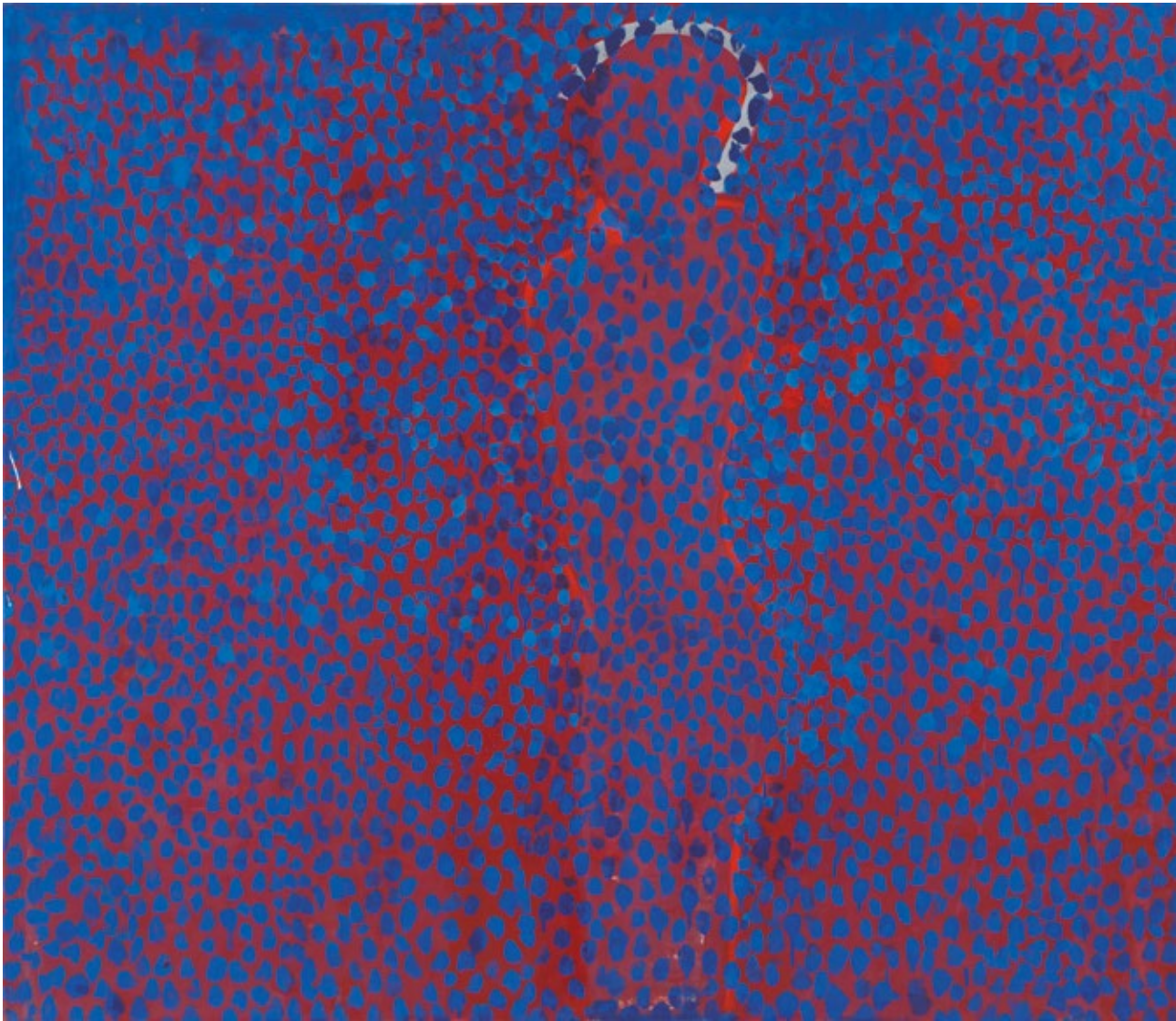
“Ao longo das décadas, a obra de Siron oscilou entre a figuração e a abstração, mas ambas as linguagens parecem coexistir aqui”



O ateliê • 2022 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm



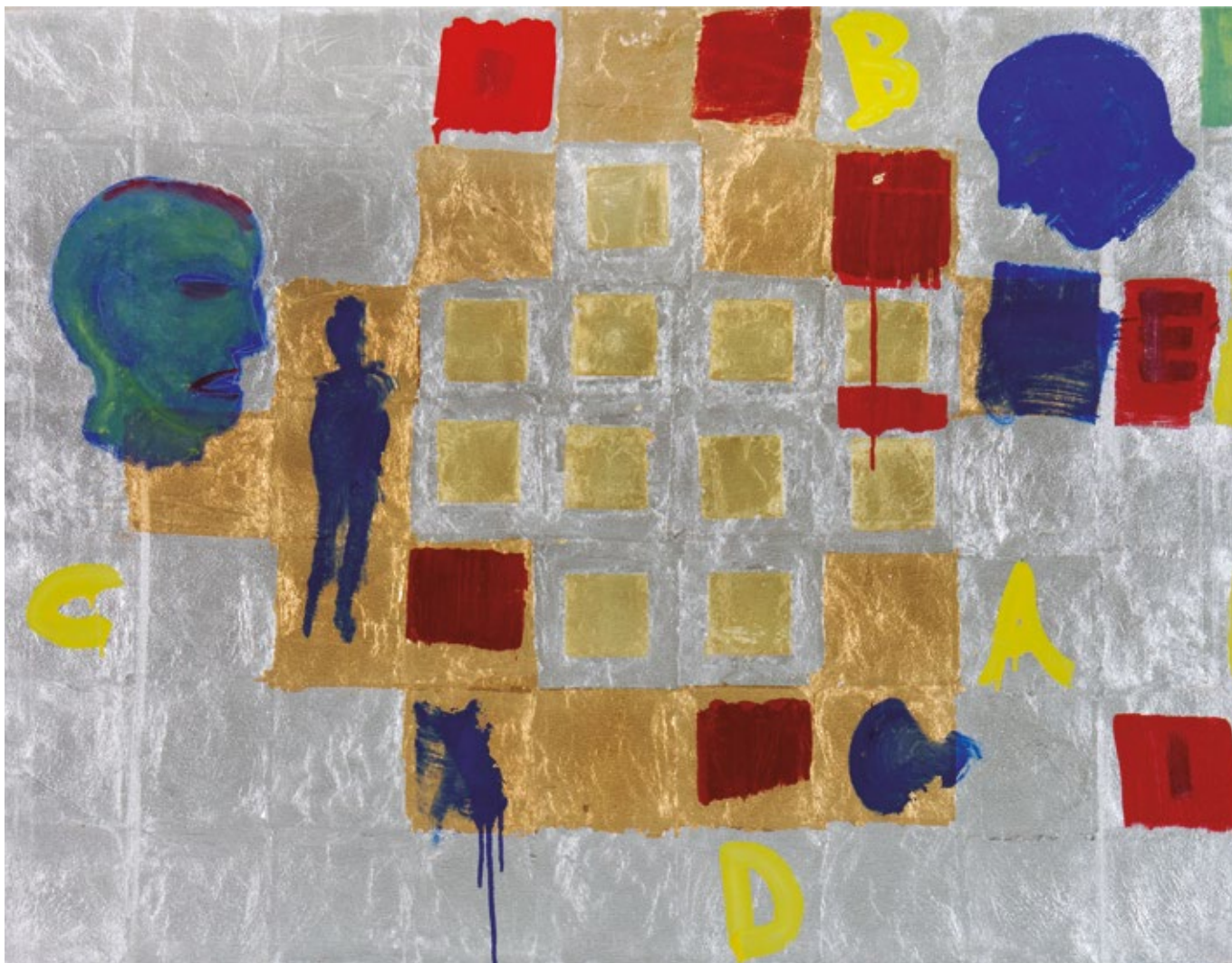
Amantes • 2025 • Óleo sobre tela • 150 x 230 cm



Integração • 2022/2025 • Óleo sobre tela • 135 x 155 cm



A caverna de Platão • 2025 • Óleo sobre tela • 200 x 300 cm



Jogo de damas • 2022/2025 • Óleo sobre tela e folhas de ouro • 100 x 130 cm



Amarelo com branco de medo • 2024 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm



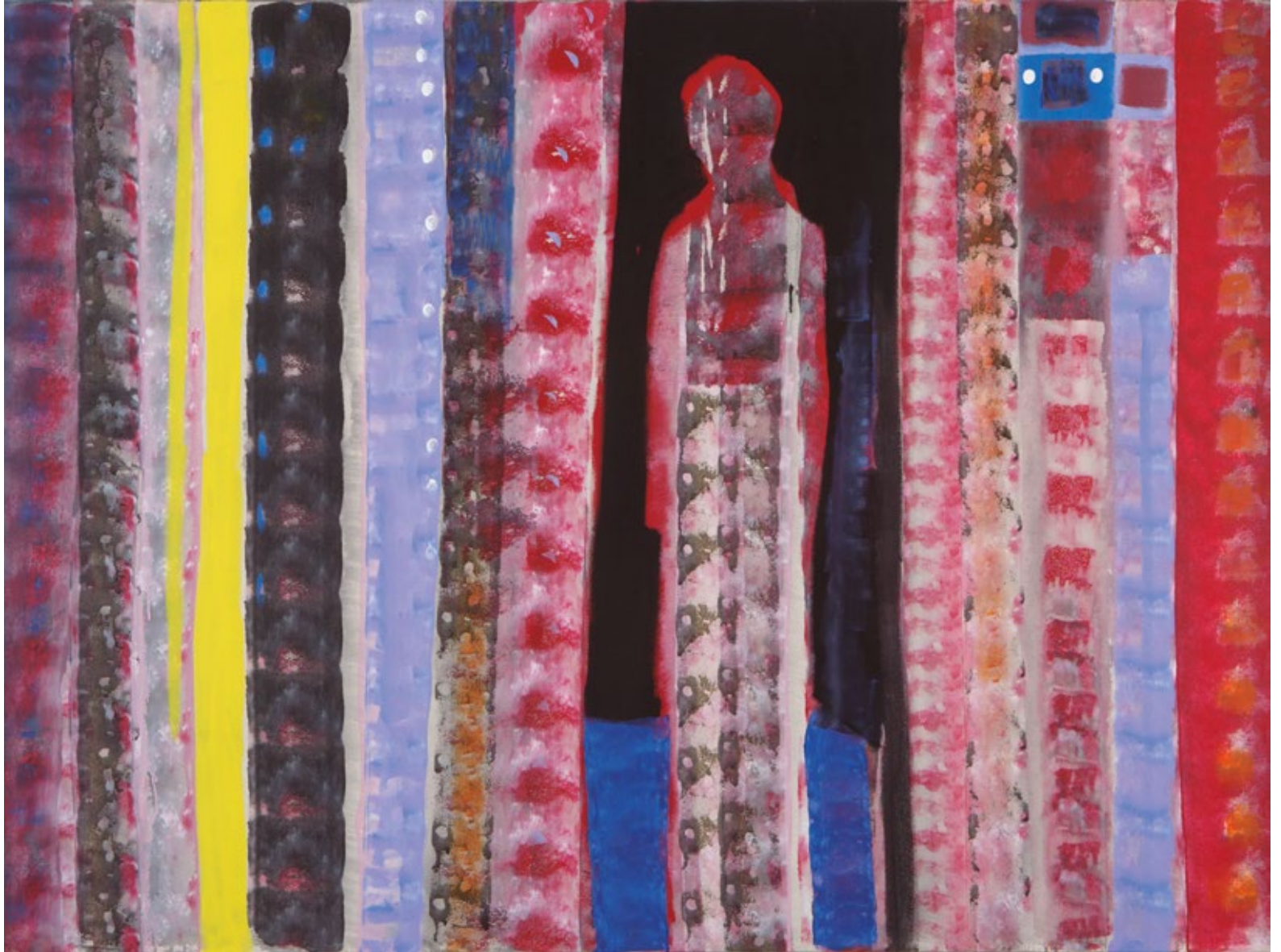
Sobrevivência • 2024 • Óleo sobre tela • 200 x 300 cm



Armadilha para capturar sereias • 2025 • Óleo sobre tela • 150 x 230 cm



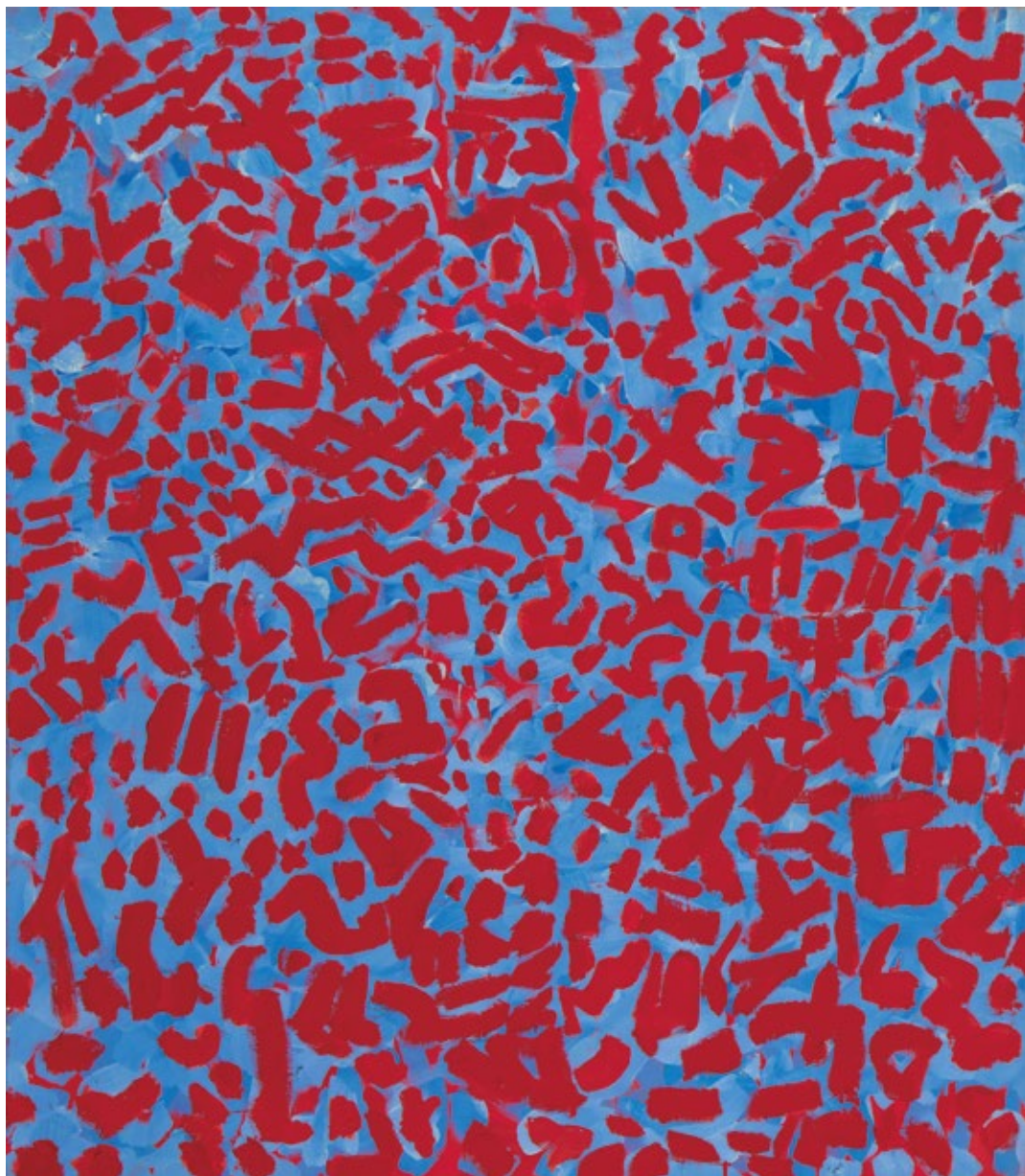
Gaza • 2024/2025 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm



O monge • 2024/2025 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm



História • 2025 • Óleo sobre tela • 200 x 250 cm



Animais microscópicos • 2021

Óleo sobre tela

155 x 135 cm

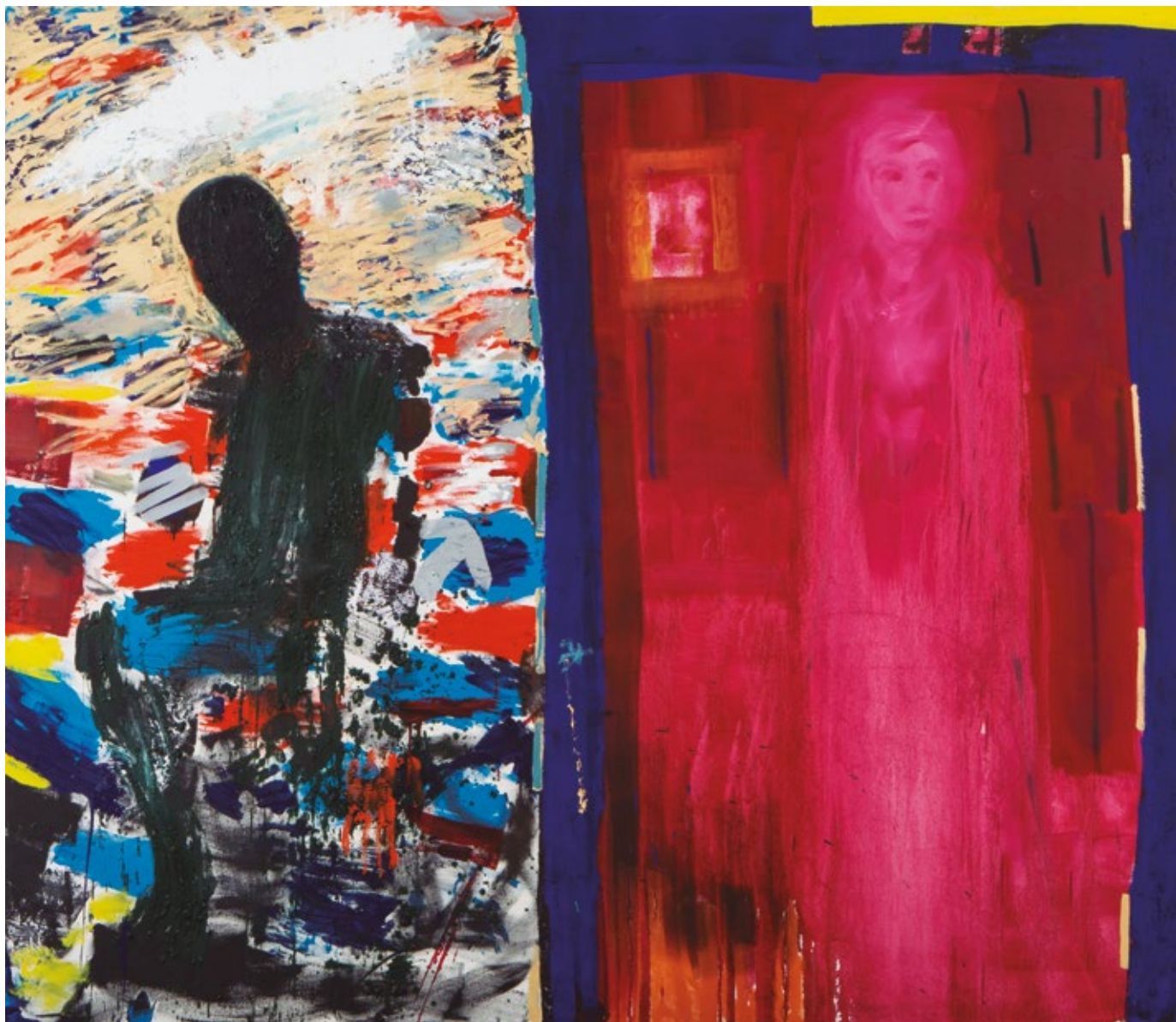




Homem santo • 2024 • Óleo sobre tela • 200 x 150 cm



S/ título • s/ data • Óleo sobre tela • 160 x 230 cm



Sonhos • 2024 • Óleo sobre tela • 190 x 220 cm

Cipós do Cerrado
2022
Óleo sobre tela
155 x 135 cm







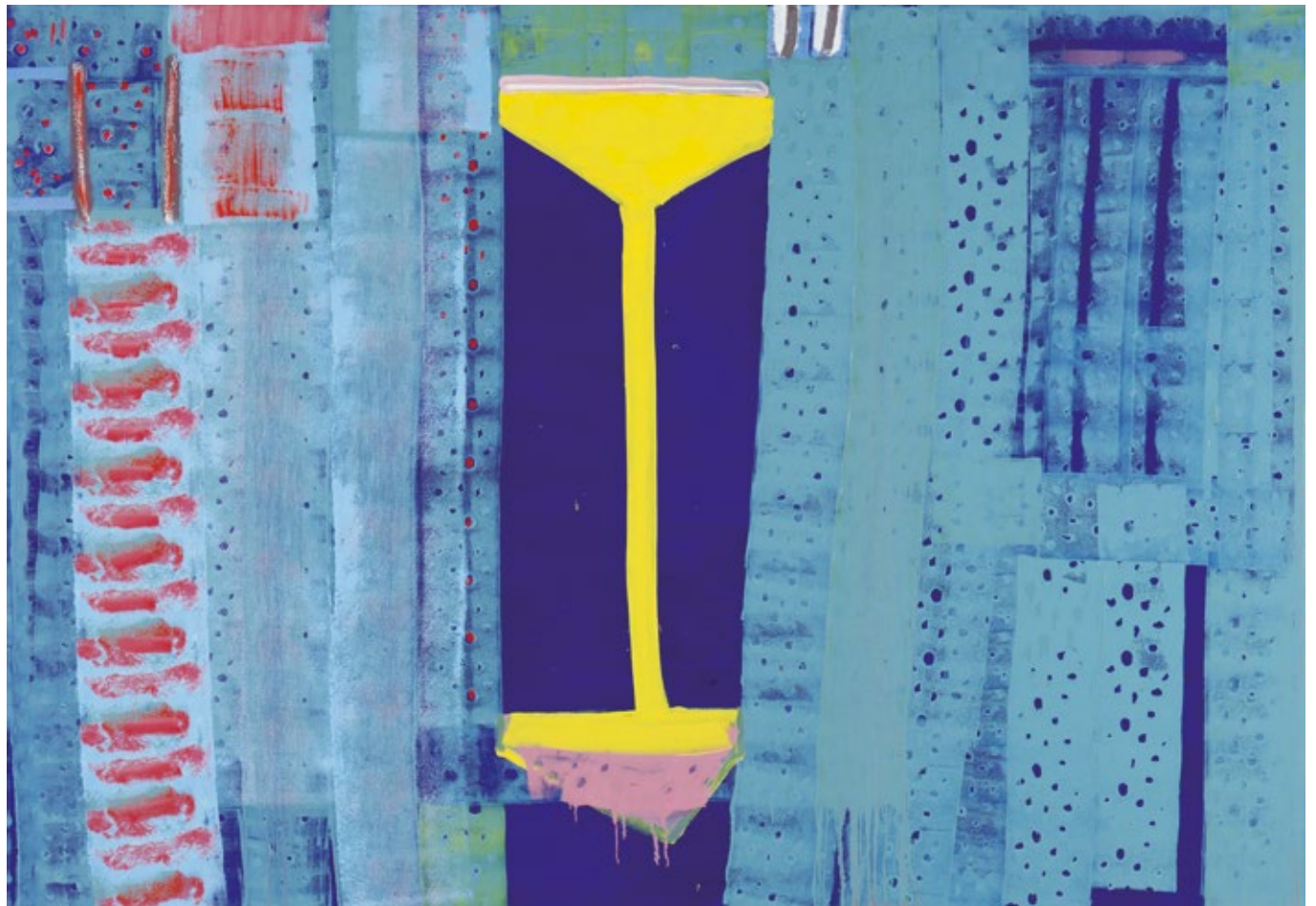
Figuras entre azuis e laranja • 2021/2024 • Óleo sobre tela • 200 x 150 cm



Iemanjá • 2025

Óleo sobre tela

190 x 220 cm



Beco com saída

2024/2025

Óleo sobre tela

160 x 230 cm



Íntimos • 2024/2025 • Óleo sobre tela • 190 x 220 cm

Sobre o couro do boi
2023/2025
Óleo sobre tela
130 x 100 cm





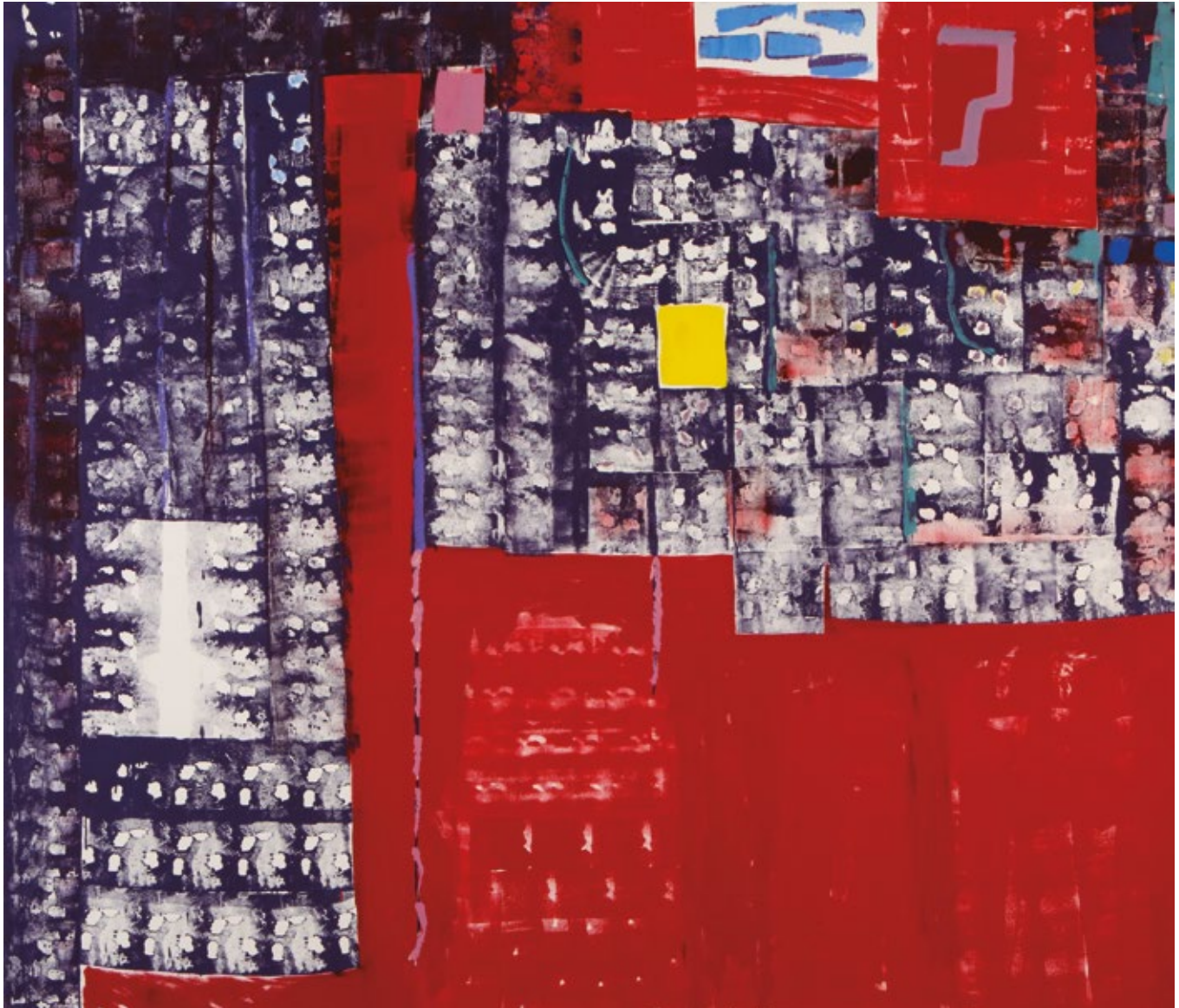
A casa da minha avó • 2025 • Óleo sobre tela • 190 x 220 cm



O homem branco • 2026 • Óleo sobre tela • 130 x 180 cm



Primavera • 2025 • Óleo sobre tela • 190 x 220 cm



Labirintos • 2024/2025 • Óleo sobre tela • 190 x 220 cm



Batismo • 2024/2025

Óleo sobre tela

155 x 135 cm



O batismo • 2023/2025 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm



Expulsão do Paraíso • 2024/2025 • Óleo sobre tela • 155 x 135 cm



Bairro popular • 2025 • Óleo sobre tela • 190 x 220 cm



Terremoto • 2025 • Óleo sobre tela • 100 x 130 cm



Beco com saída • 2026 • Óleo sobre tela • 130 x 180 cm



O artista e o modelo • 2025
Óleo sobre tela e folhas de ouro
155 x 135 cm



S/ título

Técnica mista e ouro sobre tela
130 x 100,5 cm



Mudança de clima • 2022/2025 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm



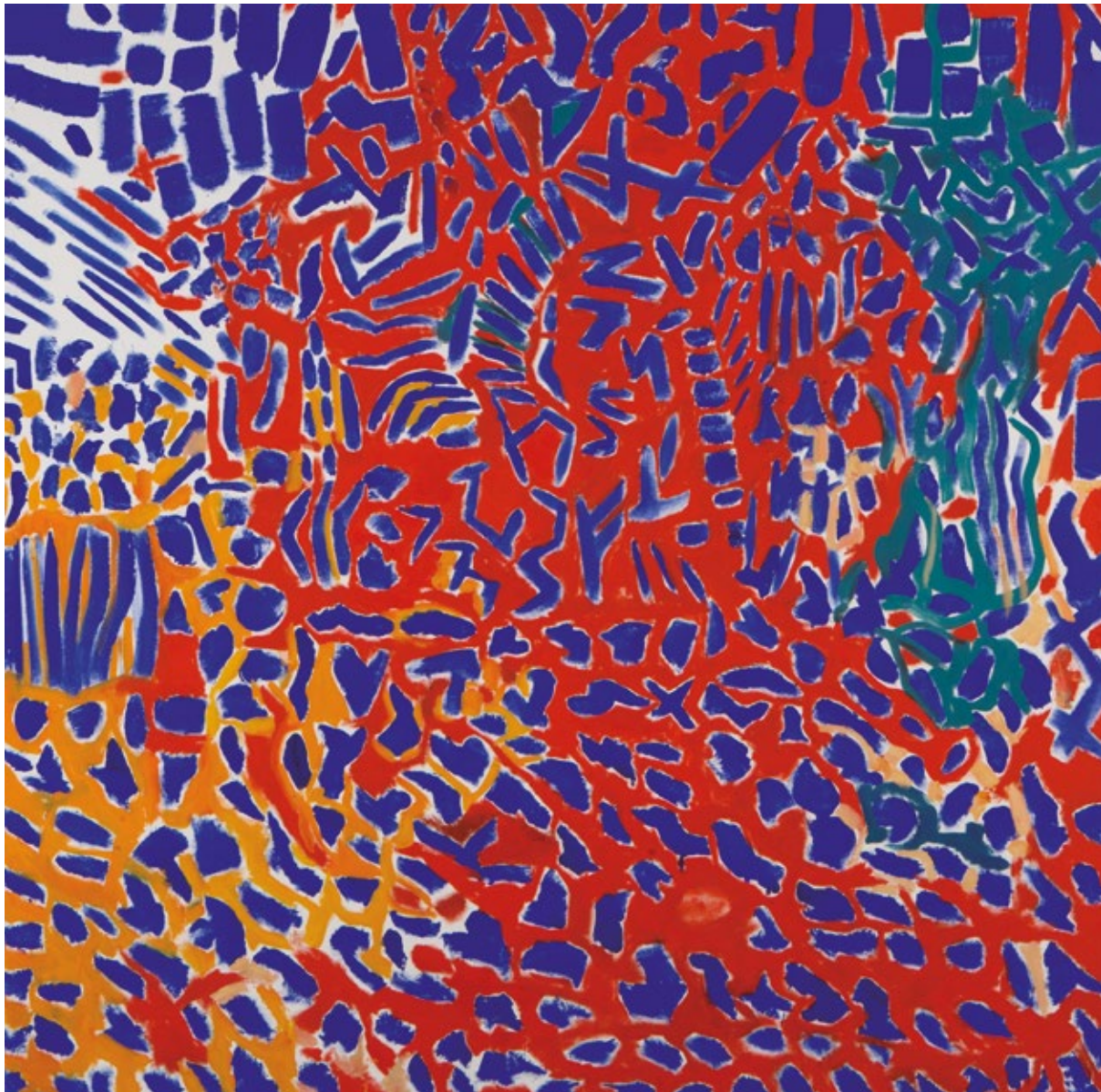
Vizinhos • 2023
Óleo sobre tela
90 x 90 cm

Segunda -feira • 2022/2025 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm





Meteoros azuis • 2022/2025 • Óleo sobre tela • 150 x 200 cm



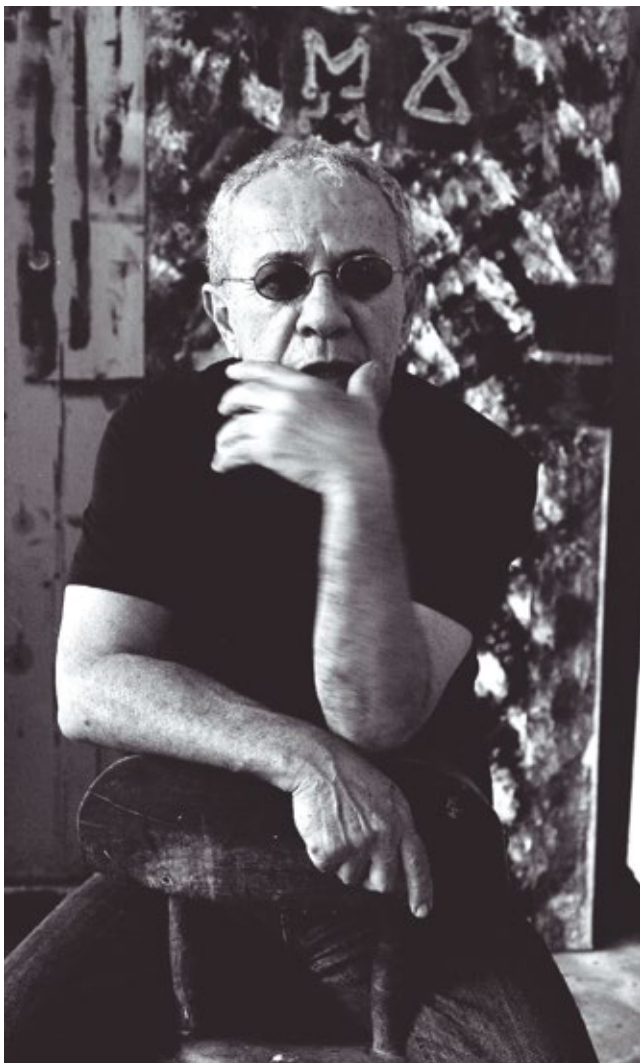
**Branco,
azuis, vermelhos
e laranjas • 2025**
Óleo sobre tela
200 x 200 cm

**Elefante e
adolescente**
2024/2025
Óleo sobre tela
155 x 135 cm



Los Angeles • número 05 • 2025 • Óleo sobre tela • 150 x 230 cm





Siron Franco nasceu em 25 de julho de 1947, na cidade de Goiás, e cresceu em Goiânia, onde iniciou sua trajetória artística de forma autodidata, começando pelos retratos. Pintor, desenhista e escultor, tornou-se uma das vozes mais contundentes da arte brasileira, aliando expressividade estética ao engajamento social – temas como o acidente radioativo do césio-137,, o massacre de povos indígenas e a devastação ambiental marcam sua produção. Premiado na Bienal de São Paulo em 1974 e 1975, suas obras integram acervos de grandes instituições como o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), o Museu Nacional de Belas Artes e o Metropolitan Museum of Art, em Nova York.

Siron Franco was born on July 25, 1947, in the city of Goiás, and grew up in Goiânia, where he began his artistic career as a self-taught artist, starting with portraits. A painter, draftsman, and sculptor, he became one of the most powerful voices in Brazilian art, combining aesthetic expressiveness with social engagement—themes such as the Cesium-137 radioactive accident, the massacre of indigenous peoples, and environmental devastation mark his work. Awarded at the São Paulo Biennial in 1974 and 1975, his works are part of the collections of major institutions such as the Assis Chateaubriand Museum of Art of São Paulo (MASP), the National Museum of Fine Arts, and the Metropolitan Museum of Art in New York.

**Coordenação**

Paulo Darzé e Thais Darzé

Texto

Gabriel Pérez-Barreiro

Fotografias

Renan Benedito

Produção executiva

Aline Camargo

Dulcivalva de Menezes Góes

Patrícia Nunes

Montagem

Alex Sandro Almeida Oliveira

Antonio Jorge Reis dos Santos Jr.

Jenivaldo Jesus dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

P55 Edição

Assessoria

Claudius Portugal

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador, Bahia
CEP 40081-310

www.paulodarzegaleria.com.br

[@paulodarzegaleria](https://www.instagram.com/paulodarzegaleria)